

## HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE LÉLIA GONZALEZ: primeiros passos

Luana Diana Santos<sup>1</sup>

*À querida Professora Patrícia Mattos*

### **Resumo:**

O presente trabalho pretende apresentar os caminhos percorridos inicialmente para a construção da história oral de vida da intelectual negra Lélia Gonzalez. Nas linhas que se seguem, será elucidada a importância do pensamento e da atuação de Lélia para os estudos de gênero e raça, além dos recursos teóricos e metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa proposta. Teóricos como Thompson (1992), Alberti (1989) e hooks (1995), nortearão este artigo.

**Palavras-chave:** Lélia Gonzalez. História Oral. Gênero. Raça.

### **Abstract:**

This paper aims to present the paths taken initially for the construction of oral life history of the black intellectual Lelia Gonzalez. In the following lines, the importance of Lelia's thinking and acting for studies of gender and race will be elucidated, in addition to theoretical and methodological resources used to develop the proposed research. Authors such as Thompson (1992), Alberti (1989) and Hooks (1995) guide this article.

**Keywords:** Lelia Gonzalez. Oral History. Gender. Race.

### **Para início de conversa...**

As duas últimas décadas foram marcadas por conquistas históricas em benefício do contingente populacional negro no Brasil. Presenciamos a criação de órgãos oficiais e organizações/grupos não governamentais com o intuito de promover a igualdade racial no país. Soma-se a isso, a implementação de leis cujo objetivo principal é a conquista da tão sonhada cidadania plena.

Essas transformações podem ser vistas também nas Universidades. Muitos são os historiadores que comungam do ideal de (re)escrever a trajetória dos afrodescendentes no país, de maneira que, enquanto sujeitos críticos e atuantes no processo de formação da sociedade brasileira, recebam o devido respeito e reconhecimento. Nesse sentido, tomo de empréstimo a pergunta feita por Lélia

---

<sup>1</sup> Historiadora. Especialista em Estudos Africanos e Afro-brasileiros pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Gonzalez em um dos seus artigos publicados no jornal *Mulherio*<sup>2</sup>, publicação da Fundação Carlos Chagas: “*E a mulher negra, cumé que fica?*”

Um levantamento bibliográfico acurado nos permite afirmar que apesar do aumento do interesse da Academia pelos ex-escravizados e seus descendentes, ainda é pequeno o número de trabalhos que tem como eixo condutor desvelar e registrar as contribuições políticas e sociais das afro-brasileiras à sociedade. Na verdade, trata-se de um movimento recente, iniciado a partir dos anos de 1975 a 1985, na chamada década da mulher (RODRIGUES, 2006), quando pesquisadoras como Sueli Carneiro (1985) e Sandra Maria Giacomini (1988) de forma pioneira, publicaram livros com recorte de gênero e raça. É necessário ressaltar que em sua maioria, a produção acadêmica com interesse na vida e na obra das afrodescendentes foi produzida por “nós mesmas” (GONÇALVES, 2010): pesquisadoras negras comprometidas com um grupo historicamente injustiçado pelas classes dominantes.

Dessa forma, fica às claras que a história da mulher negra no Brasil permanece marcada por violências, exclusões e obscuridades. Na condição de historiadora e feminista, pretendo colaborar através da minha militância e da produção acadêmica com o processo de valorização das mulheres negras no país. Dessa forma busco resgatar por meio de um levantamento bibliográfico sobre o tema juntamente com depoimentos de ativistas e amigos a trajetória intelectual de Lélia Gonzalez, referência dos movimentos negros e de mulheres do Brasil. Antes de melhor explicitar os objetivos da minha pesquisa, convém apresentar um pouco da vida de Lélia, de suas contribuições teóricas para os estudos de gênero e de seu engajamento político e social em benefício dos segmentos marginalizados da população brasileira.

## **ELA...**

Lélia de Almeida Gonzalez é dona de uma biografia intensa e extensa. Décima oitava filha do casal seo Acácio e de Dona Urcinda, Lélia veio ao mundo no dia 1º de fevereiro de 1935, na cidade de Belo Horizonte, onde permaneceu somente por oito anos. Em 1943 toda a família mudou-se para o Rio de Janeiro, pois Jaime, seu irmão mais velho havia sido contratado pelo Clube de Regatas Flamengo. A capital carioca foi

---

<sup>2</sup> O *Mulherio* foi uma das publicações mais importantes e longevas do movimento feminista brasileiro. Foi publicado entre 1981 a 1988. Nas páginas do jornal encontramos cinco artigos de autoria de Lélia Gonzalez.

sua morada até 1994, quando Lélia veio a falecer em decorrência de um infarto do miocárdio.

Em 1986, Lélia concedeu uma entrevista ao jornal *O Pasquim*<sup>3</sup>, onde relatou a sua experiência como babá e empregada doméstica ainda na infância. A meu ver, tal passagem foi fundamental para o seu posicionamento frente a situação degradante em que ainda se encontram a maioria das afro-brasileiras:

Quando criança eu fui babá de filhinho de madame, você sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse para casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da asa. Eu reagi muito contra isso então o pessoal terminou me trazendo de volta para casa. (“Lélia Gonzalez”. Rio de Janeiro, nº 871, p. 8)

Segundo a Historiadora Elizabeth Viana (2006, 49), Lélia concluiu o ensino médio em 1954, no Colégio Pedro II, tradicional escola carioca. Quatro anos depois, graduou em História e Geografia, e em 1962, tornou-se filósofa. Também em meados de 1960, Lélia exerce a função de tradutora de livros em francês de Filosofia e Psicanálise para o português<sup>4</sup>. Contudo, os dados relativos à sua formação acadêmica merecem maiores investigações. Em alguns artigos Lélia é apresentada como antropóloga e em outros como socióloga, porém, até o presente momento, não foi encontrado nenhuma dissertação ou tese que conferem a ativista belo-horizontina os títulos mencionados.

Autora do livro *Lugar de negro*, de 1982 (em co-autoria com Carlos Hasenbalg) e responsável pelos textos da publicação *Festas Populares no Brasil*<sup>5</sup>, de 1987, Lélia Gonzalez esteve à frente de momentos significativos do movimento social negro: em 1978, ao lado de outros militante, fundou o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR, nome mais tarde reduzido para MNU), na cidade de São Paulo, que tinha como principal plataforma de ação a reversão da situação em que se encontrava a população negra, conforme documento do Movimento:

JOGADO NAS FAVELAS, CORTIÇOS, ALAGADOS E  
INVASÕES, EMPURRADO PARA MARGINALIDADE, A  
PROSTITUIÇÃO, A MENDICÂNCIA, OS PRESÍDIOS, O

<sup>3</sup> Edição localizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>4</sup> Até o momento, localizamos três livros traduzidos por Lélia Gonzalez, publicados entre 1966 e 1976. HUISMAN, Dennis; VERGEZ, André. *Compêndio moderno da Filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1973.

\_\_\_\_\_. *Curso Moderno de Filosofia: introdução a filosofia das ciências*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1975.

MANONNI, Octave. *Freud e a psicanálise*. Rio de Janeiro, 1976.

<sup>5</sup> Publicação patrocinada pela Coca-Cola.

Antes de prosseguir, faz-se necessário explanar o cenário no qual o pensamento e a atuação de Lélia se inserem. Os anos finais da década de 1970 foram marcados pelos primeiros lampejos da abertura política, após quase 20 anos de cerceamento das liberdades individuais impostos pelo regime ditatorial. Assim sendo, tem início no Brasil o ressurgimento de grupos e entidades em defesa das minorias, inclusive as organizações de mulheres negras, influenciadas pelo pensamento de Lélia Gonzalez que, reivindicava a criação de um “Feminismo Afrolatinoamericano”, que possibilitasse às amefricanas – “*descendentes de africanos que não só foram trazidas pelo tráfico negreiro, como daquelas que chegaram à América antes de seu “descobrimento” por Colombo*”, o resgate de sua cidadania, conforme Lélia argumentou em artigo publicado no jornal *Maioria Falante*<sup>7</sup>, de 1988.

Os caminhos trilhados por Lélia Gonzalez, nos remetem a reflexões acerca do papel do intelectual contemporâneo, visto por teóricos como Edward Said (2005) e bell hooks (1995) como um ser cujo esforço “reside em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano” (Said, 2005, p. 10). A produção intelectual de Lélia Gonzalez apresenta-se como parte necessária da luta pela libertação de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, na busca pela descolonização de suas mentes (hooks, 1995, 464), conforme observamos no trecho a seguir:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que ele é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada, portanto tem mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 1981, p. 158-159).

Lélia Gonzalez faleceu aos 59 anos, em 10 de julho de 1994. Em vida alcançou reconhecimento e prestígio nas esferas dos movimentos sociais, não somente no Brasil, mas também no exterior. Passados quase 20 anos de sua morte, contabilizamos três produções acadêmicas e uma biografia da intelectual mineira, número relativamente

---

<sup>6</sup> Uma cópia do documento original foi enviada a mim pelo militante e fundador do movimento negro em Belo Horizonte Lucimar Brasil, em 2006. As palavras em caixa foram reproduzidas conforme estão no documento.

<sup>7</sup> Gonzalez, Lélia. “As amefricanas do Brasil”. *Maioria Falante*, Rio de Janeiro, maio de 1988.

pequeno da importância de Lélia para o debate das questões de gênero e raça no Brasil. Sua produção bibliográfica encontra-se dispersa e esgotada no mercado editorial, o que dificulta o trabalho de novos pesquisadores. Em sintonia com o pensamento de Michel Foucault, pensamos que:

Tornar visível o que não é visto pode também significar uma mudança de nível, dirigindo-se a uma camada de material que, até então, não tinha tido pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo qualquer valor moral, estético ou histórico. (*Apud* Spivak, 2010, 78)

### **Nos caminhos da oralidade...**

A professora e pesquisadora norte-americana Daphne Patai define a História Oral sedutor tanto para o ouvinte, quanto para o narrador (2010, 29). A possibilidade de reconstituir a trajetória intelectual de Lélia Gonzalez através da oralidade muito nos motiva. Acredito que tal método de pesquisa me permitirá compreender melhor a importância e a influência do pensamento de Lélia Gonzalez para os movimentos negros e de mulheres contemporâneos, além de dar voz a atores sociais antes considerados irrelevantes para a História oficial, uma vez que:

A história oral (...) torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realistas e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. . (THOMPSON, 1992, 26)

Até o momento, a vida e a obra de Lélia Gonzalez inspirou a produção acadêmica de cinco pesquisadores. Raquel Barreto (2005), autora da dissertação *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez* fez um estudo comparativo acerca da trajetória das ativistas norte-americana e brasileira. No ano seguinte, Elizabeth Pinto Viana, que teve a oportunidade de conhecer Lélia pessoalmente, reuniu elementos teóricos e arquivísticos para narrar o envolvimento e as contribuições de Lélia Gonzalez para os movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980. Em 2010, o antropólogo Alex Ratts e a socióloga Flávia Rios publicaram a biografia de Lélia, que, na verdade considero um resumo dos dois trabalhos citados *a priori*, uma vez que após sua leitura, não encontrei nenhum elemento novo em relação ao que já havia sido dito por Barreto (2005) e Viana (2006). Por fim, em 2013, a também historiadora Ires Brito defendeu a dissertação *Revisitando os percursos intelectuais de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento*, estudo no qual ainda

não tive acesso<sup>8</sup>. A pesquisa prévia aponta que muitos fatos da trajetória de Lélia Gonzalez não foram citados nos trabalhos acima mencionados, inclusive fontes audiovisuais, textos produzidos em inglês e francês e uma intensa produção no meio jornalístico. Além disso, ao buscar um trabalho alicerçado pela História Oral, compactuamos com que foi defendido por Alberti (1989):

Interessa é justamente a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida e contraponto permanente aquilo que as fontes já existentes dizem sobre o assunto. Assim, é natural que, quanto mais entrevistas puderem ser realizadas, mais consistente será o material sobre o qual se debruçará a análise. (p. 89)

Tendo como referência o que foi proposto por Verena Alberti (1989) na obra *História Oral: a experiência do CPDOC*, tenho optado pela realização de entrevistas temáticas “que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (p. 35), ou seja, depoimentos de ativistas contemporâneos à Lélia Gonzalez, cuja memória poderá contribuir para a recuperação e o resgate da trajetória intelectual e de vida de nossa focalizada. Verena Alberti me inspira também quanto à escolha dos entrevistados: serão selecionados aqueles que “*participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram*” (1989, p. 31-32) de ocorrências ou situações ligadas à Lélia Gonzalez, que possam nos fornecer depoimentos significativos para o nosso trabalho.

Embora a minha pesquisa seja alicerçada na História Oral, é importante ressaltar que busco necessito de elementos capazes de proporcionar uma base teórica sólida sobre o tema proposto. Além disso, um amplo levantamento de fontes documentais e arquivísticas são primordiais.

Em se tratando de arquivos, iniciei uma pesquisa prévia em julho deste ano, ao visitar a Fundação Carlos Chagas na cidade de São Paulo e o Centro de Informação da Mulher. A FCC possuiu grande relevância para este estudo, uma vez que Lélia Gonzalez participou do conselho editorial do jornal *Mulherio*, órgão de comunicação do Núcleo. Algumas das contemporâneas de Lélia, ainda permanecem na Fundação. Já o CIM, guarda o maior acervo de jornais feministas da América Latina, onde foi possível encontrar algumas entrevistas concedidas pela ativista negra. Tenho interesse em visitar centros, arquivos e instituições localizados no Rio de Janeiro, uma vez que Lélia Gonzalez passou a maior parte de sua vida na cidade. O Conselho Estadual da Condição

---

<sup>8</sup> Em 05/08/2013 entrei em contato com a Ires Brito através do Facebook. Na época, Ires me informou que a dissertação estava sendo revisada, por isso ainda não estava disponível para consulta na internet. Até o momento do término da escrita deste projeto, o trabalho sobre as trajetórias de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento não foi disponibilizado para consulta no portal da Capes.

Feminina, no qual Lélia foi membro e o Parque Lages, instituição onde a ativista mineira ministrou cursos sobre a cultura negra, são algumas das instituições que desejamos realizar pesquisas em busca de fontes para a realização deste projeto.

### **Adelante...**

Conforme apresentado no início deste artigo, a produção acadêmica que tem como eixo condutor o binômio gênero e raça, apesar dos avanços, ainda é bastante tímida no Brasil. Ou como diria Michelle Perrot (1988), a História é majoritariamente escrita sob o ponto de vista masculino (1988). Desse modo, ao elucidar trajetória intelectual de Lélia Gonzalez através da História Oral, busco contribuir para o protagonismo das afrodescendentes, tarefa desenvolvida de forma magistral por Lélia, seja através de sua militância ou de sua produção bibliográfica, conforme o trecho a seguir:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; e assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. (...) De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. (GONZALEZ, 1982, 99)

As reflexões de Lélia Gonzales começaram a ser produzidas há mais de trinta anos, porém, continuam a influenciar principalmente mulheres e homens negros na luta pela superação dos preconceitos e pela igualdade racial. A pesquisa aqui apresentada possibilita recuperar não só a trajetória intelectual de Lélia, mas também lutas e marcas, sem as quais não haveríamos obtido os avanços necessários para a tão sonhada “segunda abolição”.

Nos próximos dois anos, pretendo percorrer arquivos, localizar sujeitos que com o uso de sua memória, possam iluminar passagens desconhecidas ou ainda não registradas pela historiografia acerca do percurso realizado por Lélia Gonzalez ao longo de seus intensos 59 anos de vida. Até o momento, os contatos iniciais foram bastante promissores. Em conversa realizada por email, Jurema Batista<sup>9</sup>, ativista e amiga íntima de Lélia, mostrou-se disposta a colaborar com este projeto. Da mesma maneira, a psicóloga e escritora Fúlvia Rosemberg, companheira de Lélia Gonzalez nos tempos do

---

<sup>9</sup> Conversa realizada através do Facebook em 01/07/2013.

jornal *Mulherio* foi bastante solícita ao responder uma mensagem via email<sup>10</sup>. Essas vozes e outras a serem localizadas a serem localizados permitirão “*recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares*”. (RIBEIRO *et al*, 2001, 16).

Dessa forma, ao tomar a depoimentos orais como ponto de partida para a construção da história oral de vida de Lélia Gonzalez, acredito estar em consonância com o seu desejo de dar voz à sujeitos esquecidos e/ou marginalizados (THOMPSON, 26), que contribuirão de maneira primordial para o registro de seu legado, cujo valor é imensurável para os estudos de gênero e raça no Brasil.

## Referências

### Fontes:

Artigo de Lélia Gonzalez:

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

Livro:

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

### Bibliografia crítica e teórica consultada:

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

BARRETO, Raquel de Andrade. *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzáles*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras Falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL

---

<sup>10</sup> Fúlvia Rosenberg foi a primeira pessoa contactada por mim, em março de 2012, quando os objetivos desta pesquisa ainda não eram bastante claros.

- SOBRE RACISMO, XENOFOBIA E GÊNERO, Durban, 2001. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>>. Acesso em: 02/07/2013.
- CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *Mulher negra*. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008.
- FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdUnB, 1993.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988.
- GOFF, Jacques Le. *História e memória*. 3ª ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.
- hook, bell. Intelectuais negras. In: *Revista Estudos Feministas*. Ano 3, 2º semestre de 1995. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. P. 464-478.
- PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RATTS, Alex; RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Retratos do Brasil Negro).
- RIBEIRO, Núbia Braga et. al. *Beco da Memória, desenhos da cidadania – Pedreira Padre Lopes: a vila na trajetória de sua história oral*. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte / Pró-Reitoria de Graduação e Pesquisa, 2001.
- RODRIGUES, Cristiano Santos. *As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2006.
- SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970-1990)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.